

## MARY ANN SHADD E A TRADUÇÃO COMO REESCRITA NO ESPAÇO-TEMPO: ANALISANDO O PROCESSO TRADUTÓRIO DE *A PLEA FOR EMIGRATION* (1852)

### *MARY ANN SHADD AND TRANSLATION AS REWRITING IN SPACE-TIME: ANALYZING THE TRANSLATION PROCESS OF A PLEA FOR EMIGRATION (1852)*



Hislla Suellen Moreira RAMALHO  
Doutoranda  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Comunicação e Expressão  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução  
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil  
lattes.cnpq.br/8999827534067863  
orcid.org/0000-0002-7921-919X  
hisllasuellen@gmail.com

Alison Silveira MORAIS  
Doutorando  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Comunicação e Expressão  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução  
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil  
lattes.cnpq.br/4591140327080356  
orcid.org/0000-0002-8593-2266  
alisonsilveiramorais@gmail.com

Fabrício Leal COGO  
Doutorando  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Comunicação e Expressão  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução  
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil  
lattes.cnpq.br/0097456535919205  
orcid.org/0009-0009-9010-0841  
fabricao.leal.cogo@gmail.com

1

**Resumo:** Ancorado no conceito de Reescrita de Lefevere (1993), junto aos estudos de Arrojo sobre a tradução como palimpsesto (1986), esse artigo objetiva a análise e reflexão do processo tradutório da obra da escritora, e primeira editora negra dos Estados Unidos, Mary Ann Shadd intitulada *A Plea for Emigration*, publicada em 1852 e traduzida pelos autores como *Um Apelo à Emigração*. O exercício de traduzir um texto do século XIX da língua inglesa para o Português do Brasil do século XXI passa pela concepção de reexistência de Souza (2009), que dá fôlego, justifica e caracteriza nosso projeto de tradução e os debates em relação ao tom arcaico da obra. Como método, realizamos uma extensa pesquisa em relação a questões sociológicas, histórico-geográficas e políticas sobre os EUA e o Canadá, igualmente, pesquisas de cunho etimológico, semântico, gramaticais e hermenêuticos, e por fim, os exemplos práticos envolvendo fatores ambientais, clima, e economia do Canadá. Como pano de fundo, são colocadas em perspectiva teorias feministas da tradução, como a de Castro (2017) e o conceito de epistemicídio de Carneiro (2005), destacando as razões da escolha e da importância de Shadd e sua obra. Os dados foram captados através da leitura do texto fonte e de materiais adicionais como jornais de época, Estatutos e Leis. Os resultados mostram um projeto de tradução ético, que analisa e se atém ao objetivo do panfleto na época. Termos utilizados no passado foram mantidos e notas de rodapé inseridas quando necessário para não incorrer no risco de serem anacrônicos, construindo uma tradução acessível.

**Palavras-chave:** Estudos da Tradução. Tradução Cultural. Reescrita. *A Plea for Emigration*. Mary Ann Shadd.

**Abstract:** Relying on the concept of Rewriting proposed by Lefevere (1993) and Arrojo's (1986) studies on translation as palimpsest, this article aims to analyze and reflect on the translation process of the work entitled "A Plea for Emigration", of the writer and first female black publisher in the United States, Mary Ann Shadd, published originally in 1852 and translated by the authors as "Um Apelo à Emigração". The exercise of translating a text in English from the 19<sup>th</sup> century into Brazilian Portuguese in the 21<sup>st</sup> century was also permeated by Souza's (2009) concept of reexistence, which gives us support in justifying and characterizing our translation project and the debates surrounding the archaic tone of the work. As a method, we extensively researched in the sociological, historical-geographical and political fields regarding the United States and Canada as well as



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

---

etymological, semantic, grammatical and hermeneutical research; and finally, more practical examples involving environmental, climatic, and economic conditions in Canada. And as a background, feminist translation theories were put into perspective, such as Castro (2017) and the concept of epistemicide by Carneiro (2005), highlighting the reasons behind the choice and importance of Shadd and her work. The data was obtained by reading the source text, and additional materials such as newspapers of that time, Statutes, and Laws. The results present an ethical translation project that analyzes and adheres to the purpose of a pamphlet of that time. To avoid anachronisms, we kept terms from the past and included footnotes where needed to create an accessible translation.

**Keywords:** Translation Studies. Cultural Translation. Rewriting. *A Plea for Emigration*. Mary Ann Shadd.

Conforme Bassnett (1999), a tradução não é uma atividade neutra e nem inocente; não acontece em um vácuo, mas em um continuum e envolve a manipulação. Em outras palavras, refletindo sobre os estudos culturais, sociais e pós-coloniais dos Estudos da Tradução, pode-se afirmar que a tradução é atravessada por questões de poder e ideologia. O Brasil consome um considerável percentual de obras traduzidas, portanto, é importante ponderar sobre o que é trazido através da tradução para o país. Os textos traduzidos aqui reforçam os padrões hegemônicos já estabelecidos? Ou vão contra eles? Saem do que Chimamanda Adichie (2019) coloca como *O perigo da história única*?

2

Tivemos como fio condutor de nossa prática tradutória tais questões culturais e de poder que são intrínsecas ao campo da tradução. Assim, trabalhamos na tradução e revisão para o português da obra intitulada *A Plea for Emigration* de Mary Ann Shadd publicada em 1852 nos Estados Unidos, e publicada e disponibilizada de forma gratuita em formato *e-book* aqui no Brasil em dezembro de 2023 pela editora Cultura e Barbárie com o título *Um apelo à emigração*, traduzido e organizado por Alison Silveira Morais, Fabricio Leal Cogo e Hislla S. M. Ramalho. Apesar de ser de suma importância para o movimento abolicionista e para o passado do Canadá, e de forma mais abrangente, um texto importante na investigação sobre o processo escravagista no continente americano como um todo, o nome de Shadd no Brasil ainda não é conhecido. Sueli Carneiro (2005), em sua tese, descreve tal fenômeno a partir do desenvolvimento do conceito de epistemicídio que é:

um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo.[...] É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela

---

negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta (Carneiro, 2005, p. 97).

Dessa maneira, este projeto de tradução tem o viés ideológico que é pensar a tradução como uma forma de jogar luz sobre determinados recortes históricos, contando uma história que foi apagada sistematicamente e deliberadamente, e como maneira de revisar e transformar imaginários embranquecidos. Poderíamos também conceber a seguinte pergunta: “Como trazemos, reescrevemos, transpomos esse texto de uma autora negra estadunidense do séc. XIX sobre emigração de ex-escravizados (dos EUA para o Canadá) para o Brasil do séc. XXI e ao mesmo tempo mantendo o tom arcaico da obra?” Esse questionamento serve como eixo fundador para este artigo. Além disso, é de nosso maior interesse trazer essa voz, não somente por ser uma obra escrita por uma mulher negra e pelo que a figura de Shadd representa por si só, mas pela importância intrínseca da obra, a qualidade e seu valor. É sempre importante lembrar e reafirmar o que Olga Castro (2017) trouxe em seu artigo “*(Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda?*” expõe:

3

Em última instância, o fato de que se traduzam textos de autoria feminina entre diferentes línguas e culturas colocará em contato experiências de mulheres muito distintas, contribuindo para dissolver a presunção patriarcal de que o homem é heterogêneo e a mulher homogênea, e a constatar que o gênero não é um princípio unificador para todas as mulheres, mas que apenas configura a identidade junto a outras variáveis (Castro, 2017, p. 231)

Isto posto, seguimos para refletir sobre a autora e sua obra, assim como sobre o processo de tradução como reescrita no espaço-tempo, ou seja, a descrição de como nós transpusemos um texto escrito em língua inglesa nos Estados Unidos em 1852 para um texto em português brasileiro de 2023.

### **À Frente de seu Tempo, uma das Mulheres do Fim do Mundo: Mary Ann Shadd**

A canção que dá nome a esta seção também é título do álbum *A Mulher do Fim do Mundo* de 2015 da consagrada cantora brasileira Elza Soares e tem em um de seus versos a frase “Mulher do fim do mundo, eu sou e vou até o fim cantar”, a qual faz sentido se substituirmos o verbo “cantar” por “contar” ao se referir a Shadd. Em meio ao contexto de

escravização e de lutas ferrenhas, nasce Mary Ann Shadd em Wilmington, Estados Unidos, no ano de 1823. Filha de Abraham Doras Shadd e Harriet Burton Parnell, negros e abolicionistas, integrantes da *American Anti-Slavery Society*, sociedade formada por ativistas que facilitavam, investiam e forneciam abrigo, esconderijo e ajuda para escravizados fugidos. Shadd foi a segunda mulher negra dos EUA a cursar direito na *Howard University Law School*, tornou-se professora, e participou da *North American Convention of Eminent Emigracionist Black Leaders*, além de ser a primeira editora negra nos EUA e no Canadá, e fundadora do jornal *The Provincial Freeman* (1853). Suas obras eram principalmente panfletos/folhetos para ajudar o movimento abolicionista, que tinha nomes como Frederick Douglass, fundador e editor do primeiro jornal antiescravagista dos Estados Unidos *North Star* (1847), e Henry e Mary Bibb, fundadores e editores do jornal *Voice of the Fugitive* (1851).

Figura 1 – Cabeçalho do jornal “*The Provincial Freeman*” de novembro de 1854.



Fonte: *Provincial Freeman* masthead, TPL Virtual Exhibits.

Quando a Lei do Escravo Fugitivo é aprovada pelo parlamento estadunidense em 1850, estabelece-se que todo escravizado fugitivo que fosse encontrado, mesmo que em um Estado livre, seria devolvido ao antigo proprietário. Este Ato responsabilizou o Governo Federal no que se refere a encontrar, devolver e julgar o escravizado fugitivo. Os votos do Sul dos Estados Unidos pesaram, e lá estavam os povos negros voltando para o horror da cruel desumanização e perseguição. Todavia, e apesar do mundo, Mary Ann Shadd escreve. E sua escrita é um caminho para a liberdade, para o Norte, para o Canadá, para uma terra prometida (Canaã) pensando na conjuntura daquele momento.

*A Plea for Emigration, or, Notes of Canada West: in its moral, social, and political aspect; with suggestions respecting Mexico, West Indies, and Vancouver's Island, for the information of colored emigrants*<sup>1</sup> (1852), traduzido para *Um Apelo à Emigração, ou Notas sobre o Canadá do Oeste: em seus aspectos morais, sociais e políticos; com sugestões à*

---

*respeito do México, Índias Ocidentais, e Ilha de Vancouver, para informação de emigrantes de cor*, é um relato histórico; são notas sobre o Canadá, seus aspectos morais, sociais e políticos; sua vegetação, geografia, moradia; seus territórios, costumes e suas expressões religiosas, assim como sua população. Shadd talvez não soubesse a importância de seu trabalho, mas para além do registro histórico, ela reescreve a história de 1852 para 2023. Uma mulher negra nos apresenta com riqueza de detalhes e de forma honesta um lugar que serviria como refúgio para pessoas negras, um caminho do Sul para o Norte a ser trilhado, lançando mão da *Underground Railroad* até a liberdade.

A escrita de Mary Ann Shadd é um caminho na medida que é um ato de resistência e reexistência, que nos torna sujeitas(os) e nos inscreve como fazedoras(es) de uma história que se revela através dos séculos. Tendo em perspectiva letramentos de reexistência, Ana Lúcia Silva Souza os caracteriza como:

[...] singulares pois, ao capturar a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal. (Souza, 2009, p. 32)

5

Dessa forma, dialogando com o que pensamos para nosso projeto de tradução, desconstruímos cuidadosamente o discurso hegemônico, ou homogêneo, não somente no traduzir, mas especialmente no ato de escolher essa obra e trazê-la para o público brasileiro, fomentando o letramento de reexistência potente na obra de Shadd.

Assim como a luta de Harriet Tubman (abolicionista e ativista estadunidense), a de Shadd foi a de mapear e nos contar os lugares onde o povo negro estaria mais “seguro” dos perigos eminentes da colonização e escravidão.

### **Tradução e Reescrita**

No prefácio do livro de Lefevere, intitulado *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*, Bassnett afirma que tradução é a reescrita de um texto original. Segundo ela:

---

Todas as reescritas, seja quais foram suas intenções, refletem certa ideologia e uma poética e, como tal, manipulam a literatura para funcionar em uma determinada sociedade, e de uma determinada maneira. A reescrita é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar na evolução de uma literatura e de uma sociedade. A reescrita pode introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos dispositivos e a história da tradução é também a história da inovação da literatura, do poder modelador de uma cultura sobre a outra. Mas a reescrita pode também reprimir a inovação, distorcer e a conter. (Bassnett, 1992, p. vii, tradução nossa).<sup>2</sup>

6 Tendo como ponto de partida essa noção de tradução como uma reescrita que introduz novos padrões dentro de uma sociedade ou perpetua padrões hegemônicos é que discutimos a tradução de Mary Ann Shadd. Em se tratando de literatura, Lefevere (1992) coloca que o “valor intrínseco” de uma obra literária existe, mas que não se trata apenas disso, uma vez que a obra se perpetua pela sua reescrita. Assim, ele dá o exemplo da poesia de John Donne sendo redescoberta e reescrita por T. S. Elliot. O processo de reescrita que resulta na aceitação, rejeição, canonização ou não canonização das obras literárias é dominado por fatores concretos como poder, ideologia, instituição e manipulação. Quando se observa isso, se compreende que em todas as suas formas a reescrita ocupa uma posição dominante entre os fatores concretos mencionados acima. A obra de Lefevere tenta enfatizar a importância da reescrita como força motora atrás da evolução literária e também a necessidade de um estudo mais aprofundado desse fenômeno.

Dentro desse contexto, e ainda segundo Lefevere, a reescrita pode ser realizada e encontrada de duas formas bastante evidentes, por meio da crítica, historiografia ou demais aparatos paratextuais, e da tradução (Lefevere, 1992 p. ix). Estando nosso projeto de tradução e de edição do *Plea for Emigration* aberto para esses tipos de possibilidades, nos posicionamos como fazedoras/fazedores dessa reescrita por meio de ambas as formas mencionadas: traduzir e comentar, explicar, converter, adaptar, e desenvolver de maneira geral nosso arcabouço paratextual.

Lefevere usa o mesmo conceito de sistema introduzido pelos formalistas russos e por Even-Zohar (2013) como forma/estrutura envolvida no funcionamento social e fala sobre os seus limites dentro da reescrita. Para Lefevere, a literatura é um sistema que está dentro do sistema cultural e que, por consequência, se relaciona/interage com outros sistemas. (Lefevere, 2007, p.33) O literário envolve críticas/críticos, revisoras/revisores, professoras/professores e

---

tradutoras/tradutores que podem ocasionalmente aceitar ou não algumas obras literárias que sejam “opostas” ao que é considerado literatura em determinado momento. Então, algumas/alguns reescritoras/reescritores reescrevem suas obras para serem aceitas por esse sistema, como é o caso de *Dantons Tod* ((1835) e *Woyzeck* (1877) de Georg Büchner, alvo da reescrita, distorção e apagamento fascista do Terceiro Reich. As primeiras versões das obras eram de oposição, apresentando um tom revolucionário assim como uma descrição honesta da vivência na Alemanha – a pobreza, a tristeza e as dificuldades. Entretanto, no caso de *Woyzeck* por exemplo, traduzida e recriada por Friedrich Gundolf em meados de 1922, Lukács entende que, “Gundolf dissolve completamente a crítica social de Büchner em um tipo de estado de espírito [...] Tudo o que de outra forma seria uma crítica social no drama perde o brilho em *Woyzeck* até o reino pré-humano” (Lukács, 1937, p. 1)<sup>3</sup>. Conclui-se, assim, que a reescrita foi ao encontro da ideologia dominante e esse é o primeiro fator de controle do sistema literário.

O segundo opera fora do sistema literário e é chamado de patronagem, que são os poderes (pessoas, instituições) que podem promover ou impedir a leitura, a escrita e a reescrita da literatura (Lefevere, 2007, p.34). Segundo o autor, a patronagem é mais interessada na ideologia da literatura do que na poética, e ela delega autoridade. A patronagem pode ser exercida por pessoas, grupos de pessoas, corpo religioso, partidos políticos, uma classe social, editoras/editores, a mídia, jornais, revistas e corporações da televisão que tentam regular a relação entre o sistema literário e outros sistemas/subsistemas que juntos formam uma sociedade, uma cultura:

A tradução precisa ser estudada em relação ao poder e à patronagem, à ideologia e à poética, com ênfase nas várias tentativas de reforçar ou minar uma ideologia ou uma poética existente. Também precisa ser estudada em relação ao tipo de texto e ao registro, e em relação às tentativas de integrar diferentes universos de discurso. Os Estudos da Tradução começaram a concentrar-se nas tentativas de tornar os textos acessíveis e de os manipular ao serviço de uma determinada poética e/ou ideologia. Vista desta forma, a tradução pode ser estudada como uma das estratégias que as culturas desenvolvem para lidar com o que está fora das suas fronteiras mantendo o seu próprio carácter enquanto o fazem, o tipo de estratégia que, em última análise, pertence ao domínio da mudança e da sobrevivência, e não aos dicionários e gramáticas (Lefevere, 1992, p. 10, tradução nossa)<sup>4</sup>.

---

Em seu texto, Lefevere mostra de maneira mais concreta como o sistema literário funciona e como as relações extraliterárias influenciam e exercem o poder sobre esse sistema, característica colocada em destaque pela Escola de Manipulação surgida nos anos de 1970 com um grupo de estudiosos incluindo Raymond van der Broeck, André Lefevere e José Lambert (Antuérpia e Lovaina), Theo Hermans (Londres), James S. Holmes (Amsterdã) e Gideon Toury (Tel Aviv), teóricos que realizaram estudos descritivos da tradução, sob influência de Itamar Even-Zohar e sua teoria dos Polissistemas.

A partir da teoria desenvolvida dos Polissistemas de Zohar (1990), associamos ao nosso projeto de tradução, considerando a tradução como fenômeno semiótico e, portanto, de acordo com o autor, consequentemente passível de análise em termos de sua função e, principalmente, de suas relações mútuas. Ainda segundo o autor:

as traduções podem, na verdade, desempenhar um papel importante na formação do centro do polissistema (literário), introduzindo “não apenas novos modelos de realidade para substituir os antigos e estabelecidos que não são mais eficazes, mas também toda uma gama de outras características, como uma nova linguagem (poética), ou padrões e técnicas composicionais” (Even-Zohar, 1990, p. 47, tradução nossa).<sup>5</sup>

Um ponto importante é o fator ideológico mencionado por Lefevere (2007, p.34); em todas as épocas e séculos existiram, e existem ainda hoje, tendências para se guiar a produção e o pensamento.

### **A Tradução como um Palimpsesto**

Considerando a tradução como reescrita e como um processo que envolve perdas e ganhos o “impossível, possível”, Arrojo afirma que traduzir pode não ser “meramente o transporte, ou a transferência, de significados estáveis de uma língua para outra porque o próprio significado de uma palavra ou de um texto, na língua de partida, somente poderá ser determinado, provisoriamente através de uma leitura” (Arrojo, 1986, p.23). Em outras palavras, o texto é dinâmico e para se fazer a tradução é necessária uma interpretação dentro de determinado contexto. Assim, a tradução como leitura, como diz Arrojo, “assume sua condição de produtora de significados” (Arrojo, 1986, p.24).

A tradução como palimpsesto, de acordo com a autora supracitada, diz respeito a seguinte questão:



---

Ao invés de considerarmos o texto, ou o signo como receptáculo em que algum “conteúdo” possa ser depositado e mantido sob controle, proponho que sua imagem exemplar passe a ser a de um *palimpsesto*. Segundo os dicionários, o substantivo masculino palimpsesto, do grego *palimpsestos* (“raspados novamente”), refere-se ao antigo material de escrita, principalmente o pergaminho, usado em razão de sua escassez ou alto preço, duas ou três vezes [...] mediante raspagem do texto anterior”. Metaforicamente [...], o “*palimpsesto*” passa a ser o texto que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do “mesmo” texto. (Arrojo, 1986, pp. 23–24)

A tradução de um texto que não é hermético em si, mas uma obra aberta como diria Eco (2016), envolve uma atividade de interpretação e leitura dentro do espaço-tempo, ou seja, do contexto, assim como a reescrita de um novo texto a partir daquele outro, dito original. A noção de palimpsesto dialoga com a tradução de *A Plea for Emigration* de Shadd porque analisamos como lemos o texto, em quais circunstâncias histórico-políticas ele foi elaborado, por que foi escrito e como movimentá-lo, isto é, deslocá-lo no tempo e no espaço — de 1852 para 2023.

9

### **Reflexões e Análises do Projeto de Tradução**

O projeto de tradução idealizado e realizado neste trabalho pode ser definido a partir do tom arcaico da obra. Algumas construções sintáticas e combinações linguísticas criadas por Shadd foram conservadas em prol de uma tentativa de aproximação com o período no qual a obra foi escrita, realizando também uma constante negociação, que envolveu História, Sociologia, Geopolítica e até mesmo uma Arqueologia da Tradução. Apesar de não ser um campo de estudo amplamente desenvolvido, sentimos que esses processos – tradutório e de revisão – estiveram a todo momento dialogando com o conceito de Arqueologia, uma vez que a elaboração do produto final, a própria tradução, priorizou ao mesmo tempo o zelo pela história assim como a fluidez textual e a correspondência com o leitor do século XXI.

Em sua aula magna sobre *Arqueologia como tradução do passado no presente*, a historiadora e antropóloga Fabíola Andréa Silva comenta:

[...] acredito que nossa prática e interpretação sobre o passado devam levar em consideração as múltiplas vozes interpretativas sobre a trajetória humana no passado.

Nós não somos os donos do passado, mas talvez sejamos um profissional cuja

---

responsabilidade está em possibilitar esta tradução multivocal do passado no presente (Silva, 2011, p. 266).

Desse modo, observando a Arqueologia através do prisma da tradução, criamos uma abordagem e uma prática coerente que supre as intenções de nosso projeto. Essa prática leva em consideração uma atitude ativa e crítica de tradução, a qual expõe, por meio dos paratextos, o posicionamento ideológico do nosso projeto. Como pesquisadoras e pesquisadores, tradutoras e tradutores, segundo Pellatt (2013), criamos paratextos a partir do momento em que colocamos a caneta no papel (ou os dedos no teclado), pois cada transição de fragmento do texto fonte para o texto alvo já constitui um ato de explicação, comentário, esclarecimento, reformulação, reestruturação, adaptação e posicionamento. Sendo assim, “a zona de transição é entre língua fonte e língua alvo e também entre cultura fonte e cultura alvo” (Pellatt, 2013, p. 3, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Um dos primeiros pontos que vale ser mencionado é que nossa tradução mantém o foco narrativo conforme o texto fonte. Há muitos momentos ao longo da obra que Mary Ann Shadd se posiciona em primeira pessoa; esse fator demonstra o potencial arcaico deste folheto convidativo. A principal razão para isso seja talvez por querer preservar algo da importância de ter sido justamente ela a pessoa que viu com os próprios olhos e que teve a experiência na própria pele sobre o Canadá que conheceu; para demonstrar firmeza ao falar e promover o seu trabalho com propriedade, ela assume o texto a partir do seu lugar de fala. Shadd, enquanto utiliza de sua agência e seu corpo no lugar do feminino, negro, antiescravagista, escritora, editora e ativista, constrói arduamente para si uma autoridade para explicar suas experiências e transparecer o desejo expresso de fazer de *A Plea for Emigration* algo importante para o seu povo.

Localizando-nos através do espaço-tempo, em outras palavras, transpondo um texto publicado nos EUA/Canadá em 1852 para o Brasil em 2023, decidimos manter alguns termos visando conservar o aspecto antigo do texto. A saber, *colored people/people of color* foi traduzido por “pessoas de cor”; *black* e *negro* foram traduzidas pela palavra “negro” (português). Em relação ao termo *complexion* decidimos traduzir como “cor da pele” ao invés de “compleição”, pois em português do Brasil o termo abrange também questões fenotípicas e identitárias mais comuns à discussão racial dos séculos XX e XXI, o que causaria um problema de anacronismo, uma vez que, no texto de partida, no contexto em que o termo aparece, é possível inferir que Shadd se referia apenas à cor da pele. Ressaltamos que essas escolhas

---

fizeram parte do nosso projeto de tradução, sendo consciente de nossa parte a mudança social, linguística e estrutural das relações étnico-raciais. Palavras como “preto” para traduzir *black* e Negro com “N” maiúsculo para se referir à palavra *negro* em inglês foram consideradas e ponderadas, mas refletimos e decidimos que tais expressões não cabem naquele contexto colonial devido a sua contemporaneidade, pois há momentos em que mesmo pessoas negras usam termos hoje considerados ultrapassados como “bárbaros” e “selvagens” para se referir aos povos originários do Canadá. Seguindo o mesmo raciocínio, optamos também por escravos ao invés de escravizados e índios ao invés de indígenas/autóctones.

Como dito anteriormente – e como é comum na prática tradutória – as pesquisas não foram poucas durante todo o processo da tradução; outro desafio foi o de tentar manter o estilo da escrita da autora. Algumas construções do texto em inglês causam estranhamentos, sejam pelas escolhas de palavras, mas em especial pela construção das frases. Como parte de nosso projeto tradutório, decidimos não interferir nesses estranhamentos e nos períodos truncados, ou seja, aqueles períodos que apresentam falhas de organização sintática em sua estrutura, apesar destas comprometerem a legibilidade textual, exatamente para que o texto na tradução não se distanciasse tanto do estilo de Shadd, como podemos ver ao longo da obra na íntegra e no excerto que segue:

11

**Quadro 1 – Exemplo de tradução 1**

<p><i>That if any of the children of such intestate be living, and any be dead, the inheritance shall descend to the children who are living, and to the descendants of such children as shall have died, so that each child who shall be living shall inherit such heir as would have descended to him if all the children of the intestate who shall have died, leaving issue, had been living, and so that the descendants of each child who shall be dead shall inherit the share which their parents would have received, if living, in equal shares.</i> (Shadd, 1852, p.30)</p>	<p>Que se algum dos filhos de tal intestado estiver vivo, e algum estiver morto, a herança será transmitida para os filhos que estiverem vivos e para os descendentes dos filhos que tenham morrido, de modo que cada filho que estiver vivo deverá herdar tal parte que teria sido transmitida a ele, e se todos os filhos do intestado estiverem mortos, deixando herdeiros vivos (netos), conseqüentemente, os descendentes de cada filho que estiver morto herdarão a parte que seus pais, se vivos, teriam direito de receber em partes iguais. (Tradução nossa)</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelos autores.

No trecho citado, pode-se perceber o estranhamento de algumas construções no texto de Shadd. O trecho apresentado é de leitura difícil em português por se tratar de uma sentença longa e de construção pouco comum, e apesar de nos utilizarmos de explicitações como “netos” entre parênteses, buscando esclarecer as leis mencionadas, de modo geral decidimos não

---

modificar exatamente esse truncamento, por entendermos que tais sentenças longas fazem parte do estilo de Shadd e que modificá-las resultaria no apagamento de sua idiossincrasia.

Segue mais um exemplo:

**Quadro 2 – Exemplo de tradução 2**

<p><i>Men who are honest in their desire for a change, who love liberty better than slavery, or who are unwilling to await the tedious process by which, in the United States, their rights will be given, if ever, will not be fastidious on emigrating to a country. Emigrants to any country, who should aim at a monopoly of the so called respectable occupations, would be looked upon with distrust, as well as contempt, and the result to the emigrant would not be far different from a monopoly of menial employments. (Shadd, 1852, p.39)</i></p>	<p>Homens honestos no seu desejo de mudança, que amam a liberdade mais do que a escravidão, ou que não estejam dispostos a esperar o tedioso processo pelo qual seus direitos serão concedidos, nos Estados Unidos, se um dia forem, não serão exigentes ao emigrar para um outro país. Emigrantes, para qualquer país, que visam um monopólio dos chamados trabalhos respeitáveis, exclusivamente, seriam olhados com <i>desconfiança</i>, assim como desprezo, e o resultado para o emigrante não seria muito diferente de um monopólio de empregos servis. (Tradução nossa)</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelos autores.

12

No trecho acima, pode-se perceber mais um caso de sentença longa e aqui um outro motivo da sensação de dificuldade é a quantidade de aposto usado por Shadd para enriquecer sua explicação com detalhes e com o máximo de informação possível. A sensação é quase como se no fluxo de escrita ela fosse lembrando dos detalhes tão fundamentais para o objetivo propagandístico da obra.

Em outros momentos, nos deparamos também com trechos que, lidos com os filtros que temos agora em 2023 (ano de finalização da tradução), são considerados problemáticos e por vezes carregados de preconceito. Durante o processo de revisão do texto, depois de muita discussão e reflexão sobre o projeto proposto para a tradução, decidimos manter as frases tais como se encontravam no texto de partida, no entanto, acordamos que comentaríamos essas sentenças de maneira paratextual, através de nota do tradutor, no rodapé de cada página, marcando, assim, nosso olhar possível em 2023. Dizemos isso por acreditarmos e entendermos que Shadd, por mais revolucionária que fosse, ainda era atravessada e constituída pelas possibilidades ideológicas de seu tempo, como se pode notar no trecho que segue:

---

**Quadro 3 – Exemplo de tradução 3**

<i>There is a medium between servility and presumption, that recommends itself to all persons of common sense, of whatever rank or complexion; and if colored people would avoid the two extremes, there would be but few cases of prejudice to complain of in Canada. (Shadd, 1852, p.35)</i>	Há um meio termo entre servilismo e presunção que se recomenda para todas as pessoas de bom senso, de qualquer posição ou cor; e se pessoas de cor evitassem os dois extremos, haveria apenas poucos casos de preconceito para se reclamar no Canadá. (Tradução nossa)
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelos autores.

No trecho citado, pode-se perceber um tom de julgamento na recomendação de Shadd sobre o comportamento ideal das pessoas negras para que elas fossem bem aceitas pela branquitude canadense. Nos prolongando ainda mais sobre esse aspecto, percebemos que Shadd por vezes afirmava com ainda mais ênfase em sua linguagem promocional e propagandista, que é sempre crucial demonstrar:

**Quadro 4 – Exemplo de tradução 4**

<i>advantage of a residence in a country in which chattel slavery is not tolerated, and prejudice of colour has no existence whatever. (Shadd, 1852, p.16-17)</i>	as vantagens de se estabelecer em um país que não tolera a escravidão, e onde não existe qualquer tipo de preconceito relacionados a cor de pele. (Tradução nossa)
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelos autores.

Não obstante, podemos reparar que há evidências que apontam o contrário, como por exemplo, ao expor pormenorizadamente a reação dos brancos quando alguma família negra adquiria imóvel ou terras próximas:

**Quadro 5 – Exemplo de tradução 5**

<i>At first, a few sold out, fearing that such neighbors might not be agreeable; others, and they the majority, concluded to remain, and the result attests their superior judgment. Instead of an increase of vice, prejudice, improvidence, laziness, or a lack of energy, that many feared would characterize them, the infrequency of violations of law among so many, is unprecedented; due attention to moral and intellectual culture has been given; the former prejudices on the part of the whites have given place to a perfect reciprocity of religious and social intercommunication. (Shadd, 1852, p.22)</i>	No início, algumas famílias venderam suas propriedades, temendo que tais vizinhos pudessem não ser agradáveis; outras, e elas eram a maioria, decidiram permanecer, e o resultado atesta seu melhor julgamento. Ao invés de um aumento de vícios, preconceito, imprevidência, preguiça, ou falta de energia, que muitos temiam que os caracterizassem, a infrequência de violações da lei entre tantas pessoas é sem precedentes. A devida atenção foi prestada à cultura moral e intelectual; os preconceitos anteriores da parte dos brancos têm dado lugar a uma reciprocidade perfeita de intercomunicação religiosa e social. (Tradução nossa)
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelos autores.

---

Apesar de não ser algo tão estrutural e evidente como nos EUA, havia racismo impregnado pelo colonialismo em ambos os territórios Canadenses (Canadá do Oeste e Canadá do Leste), especialmente observando-se de um local distante e privilegiado. Todavia, em 2023, por meio de uma extensa pesquisa, vemos se tratar de uma estratégia extremamente válida de construir e levar a uma (re)ação positiva do público-alvo da autora, que de fato teria um panorama muito mais favorável no Canadá do que nos Estados Unidos.

Sobre outras particularidades dessa tradução, realizamos algumas conversões simples, como alterar em alguns momentos as medidas de pés, jardas, *bushels*, estéreo, *kushels*, entre outras, para o sistema métrico. Por serem medidas utilizadas comumente naquele período, consideramos ser interessante mantê-las mencionadas no Português brasileiro contemporâneo para conhecimento geral, mas com a conversão explicitada logo em seguida entre parênteses, assim como a opção pela conversão da temperatura de *Fahrenheit* para *Celsius* como uma forma de ampliar a dinâmica e a fluidez da leitura.

Uma peculiaridade mantida também na tradução foi a descrição dos “diferentes Canadá’s”. No ano de 1841, a Grã-Bretanha uniu as colônias chamadas *Upper e Low Canada* (Alto e Baixo Canadá), criando assim a Província do Canadá. Essa união durou 26 anos (1841-1867) e ocorreu devido a violentas rebeliões e protestos nos anos anteriores (1837/38), motivadas pelas mudanças políticas vigentes. Desse modo, um ato de União foi aprovado pelo Parlamento em julho de 1840 e proclamado em 10 de fevereiro de 1841. As duas regiões passaram a se chamar *Canada East e Canada West*, e nesse ponto, preferimos optar pela tradução “Canadá do Oeste”, ao invés de oeste do Canadá (referente à Ontário) e “Canadá do Leste” ao invés de leste do Canadá (referente à Québec).

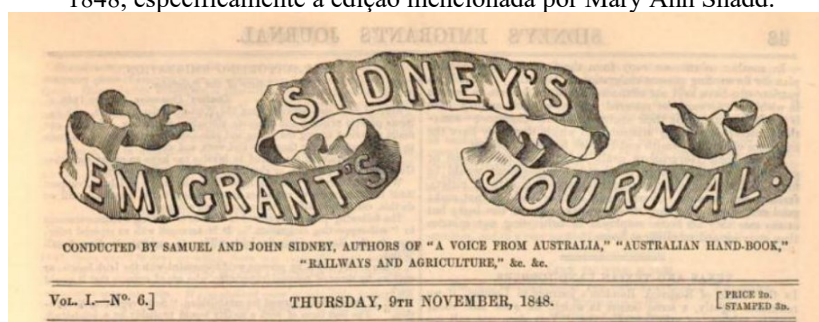
Outra pesquisa que se mostrou fundamental para o progresso da tradução foi especificamente a dos termos técnicos e acertados nas áreas da botânica, agricultura e zoologia. A título de exemplificação, temos os tipos de solo para plantio (*black loam, sandy loam, clay e sand*), traduzidos tecnicamente como “barro preto (ou humoso)”, “barro arenoso”, “argila” e “calcário”; termos específicos de “terras melhoradas” ou “adubadas” (*superior lands e improved lands*) ou “terra de pousio” (*fallow lands*), “áreas florestadas” e “desflorestadas” (*timbered lands e clearing lands*), e referindo-se aos terrenos “sujos” como *uncleared lands*. Ressaltamos também a busca minuciosa para a tradução de frutas, grãos, hortaliças e especialmente dos tipos de madeira e árvores específicas que havia à disposição no Canadá naquele período, encontrando, dessa forma, não apenas o possível referencial no português, mas buscando o contexto etimológico de cada palavra, verificando-se, assim, muitas vezes, que

os nomes se tornavam diferentes ao longo do tempo, como por exemplo *burr oak* (rebarba de carvalho) que hoje tem o nome de *French oak* (traduzido como “carvalho francês”); e por fim os animais domésticos, gado, aves e animais de caça selvagens, que, em alguns casos, também eram específicos daquela região, como o Esquilo Negro do Canadá (no texto colocado como *squirrel* e a palavra “*black*” entre parênteses), o gado de Durham (aparecendo apenas como *Durham* no texto de partida) ou “*Canadian Pony*”, que se refere especificamente ao pônei rústico canadense.

Três outros exemplos que consideramos interessante mencionar se relacionam com a pesquisa contextual de termos de época que apresentaram necessidade de explicitação/explicação. Começando pelo termo “*South Sea Islands*”, traduzido por “Ilhas Fiji”, já que pela localização foi possível perceber que se tratava da região, porém, naquele período histórico, era conhecida apenas por “ilhas do mar do sul”. Outro momento específico foi a pesquisa sobre as nomenclaturas populares do que poderia ser “*Log Meeting House*”, ou uma espécie de casa de encontros feita de toras, que após extensa investigação, foi traduzida como “capela”, por se tratar de uma construção característica da época e daquele local específico, geralmente anexa ou próxima de uma Igreja, diocese ou arquidiocese onde ocorriam encontros dos líderes da paróquia. E por fim, há um momento da narrativa, em que Shadd discorre amplamente sobre como funciona a questão da facilidade de plantar diferentes tipos de produtos em um mesmo terreno, fazendo a substituição. A autora menciona nesse trecho “*the little book*” como referência; no entanto, não há notas de rodapé explicando a qual livro se referia, desse modo, houve uma transcrição de partes do trecho, e uma sucessiva pesquisa reversa através de ferramenta de busca, até encontrar o trecho específico, revelando se tratar do *Sidney’s Emigrant’s Journal*, um periódico conduzido por Samuel e John Sidney que circulou entre os anos de 1848 a 1850, e teve 41 números publicados. O jornal também se dedicava a dar instruções e informações técnicas para os imigrantes.

15

**Figura 2** – Cabeçalho do jornal “*Sidney’s Emigrant’s Journal*”, volume 1, número 6, de 9 de Novembro de 1848, especificamente a edição mencionada por Mary Ann Shadd.



Fonte: *Migration to New Worlds*. Disponível em: [www.migration.amdigital.co.uk/](http://www.migration.amdigital.co.uk/). Acesso em 5 de maio, 2023.

---

Uma pesquisa sobre as questões imobiliárias, pecuniárias e comerciais também foi empreendida. Mantivemos, por exemplo, as unidades monetárias daquele período como “xelins” e “pences”, julgamos não haver necessidade de conversão nesse sentido. Referente aos termos técnicos empregados no meio imobiliário, foi um desafio, especialmente por serem termos de Estatutos e Leis da época. Um exemplo que trouxemos, inclusive no corpo do texto da tradução, e que foi mantido em sua forma original, foi o das expressões *fief, roture e franc alleu*, que não são mais utilizadas atualmente no meio imobiliário, que, por sua vez, têm significados muito distintos e com raízes etimológicas ainda mais distantes (explicitadas através de paratextos), como o francês médio localizado no recorte histórico do Feudalismo.

### **Considerações Nada Finais sobre Processos Tradutórios**

A tradução é uma atividade de poder. Sendo assim, escolher Mary Ann Shadd para ser traduzida e, mais especificamente, reescrita, depois de quase 200 anos, é um posicionamento político, percebendo-se essa atividade como maneira de evidenciar um recorte histórico da luta das mulheres negras americanas invisibilizadas. De fato, consideramos aqui as visões sistemáticas de Bassnett, Even-Zohar e Lefevere, para afirmar que a tradução pode tanto transformar padrões como cristalizar e reforçar questões hegemônicas, tendo como resultado um projeto de tradução que buscou um equilíbrio entre transpor e transformar, mas não eliminar completamente o que era cristalizado no contexto contemporâneo de Shadd.

Além desse aspecto, observamos a atividade dessa tradução como palimpsesto, ligada a uma arqueologia da tradução, uma vez que foi necessário pincelar, retirar a poeira, pesquisar a fundo e por cima de uma escrita antiga (re)fazer uma nova. A reescrita/tradução emerge, assim, como um processo contínuo, dialógico, relacional entre o texto de 1852 e o que seria o texto de 2023. A língua está diferente assim como a cultura, a sociedade e as pessoas. Retomamos aqui a questão fundadora deste artigo: Como trazemos, reescrevemos, transpomos este texto de uma autora negra estadunidense do séc. XIX sobre emigração de ex-escravizados (dos EUA para o Canadá) para o Brasil do séc. XXI mantendo, ao mesmo tempo, o tom arcaico da obra? Lançamos mão de várias ferramentas, a tradução, a reescrita, a criação, a arqueologia, a edição, a revisão, dentre outras mais.

Através dos exemplos trazidos, pudemos reafirmar a atenção que demos em relação não somente ao tom arcaico da obra (com o extenso uso de ferramentas paratextuais para explicitações e explicações), mas especialmente ao estilo de escrita de Shadd, sua



---

idiossincrasia, e como foram mantidas as complexas construções sintáticas e semânticas ao longo dessa obra tão singular.

De modo a sintetizar o caminho que percorremos, tentamos salientar o quanto este se bifurcou em tantos outros ao longo da consolidação deste projeto de tradução, fazendo um esforço para criar uma leitura fluida, reivindicando este texto para o português e o leitor brasileiro, e concomitantemente pontuando e desvendando verdadeiros fósseis linguísticos.

É crucial pontuar que elaborar uma lista das questões centrais do *Plea for Emigration*, ou *Um apelo à Emigração*, é fazer uma lista de uma série de questões vistas como centrais também para os povos negros das Américas, livres ou fugidos, de 1850 ou 2023. A transmissão de sua experiência, em tom de propaganda, um verdadeiro convite para a liberdade e o que ela pode carregar consigo; o apontamento efusivo para todos os escravizados e oprimidos; sua posição como portadora dessa alternativa e também a sua forma peculiar de comunicar essa verdade fazem com que seja de fato uma obra essencial para entender todo aquele momento histórico e sobretudo desconstruir a ideia de apatia, desesperança ou submissão do povo afro-americano. Nossa tradução também teve como alvo servir de material para futuras pesquisas no Brasil, tanto no que se refere à própria autora, Mary Ann Shadd, que merece mais espaço e reconhecimento, mas também no que tange o contexto geopolítico e o recorte histórico da obra; sobre o Canadá, suas Leis, Estatutos da época e ao *ethos* de uma sociedade.

A primeira leitura mais desavisada do texto de Shadd pode dar a falsa impressão de se tratar apenas de um manual abrangendo introdutoriamente assuntos fundamentais para o processo emigratório, mas em uma leitura mais atenta e mais profunda, assim como é a leitura para tradução, pode-se perceber que *A Plea for Emigration* ultrapassa as linhas pragmáticas de um manual, se estendendo para um estudo e um retrato crítico de sua época. Uma tarefa tão complexa não poderia resultar em outra coisa senão um texto rico e complexo. E já se pode entender também que a tarefa de o traduzir seria um tanto desafiadora. E assim foi.

## REFERÊNCIAS

Adichie, C. N. (2019). *O perigo de uma história única*. Companhia das Letras.

Arrojo, R. (1986). *Oficina de tradução: a teoria na prática*. Ática.

Bassnett, S., & Trivadi, H. (Eds). (1999). *Post-colonial translation: Theory and practice*. Psychology Press.

- 
- Carneiro, A. S. (2005) *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. [Tese de doutorado]. Universidade de São Paulo (USP).
- Eco, U. (2016). *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Editora Perspectiva SA.
- Even-Zohar, I. (1990). The literary system. *Poetics Today. International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*, 11(1), 27-44.
- Even-Zohar, I. (1990) Polysystem Studies. *Poetics Today. International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*, 11(1), 9-26.
- Even-Zohar, I. (2013). Teoria dos polissistemas. (Tradução de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon, Yanna Karlla Cunha) *Translatio*, (5), 1-21.
- Lefevere, A., & Bassnett, S. (Eds.). (1992). *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame*. Taylor & Francis.
- Lefevere, A. (2007). *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. (Tradução de Márcio Seligmann). EDUSC.
- Lukacs. G. (2023). The Real Geord Büchner and his Fascist Misrepresentation (Tradução de Anton P.) *Marxists Internet Archive*. Disponível em <https://www.marxists.org/archive/lukacs/works/buchner/lukacs.htm>
- Pellatt, V. (2013). *Text, Extratext, Metatext and Paratext in Translation*. Cambridge Scholars Publishing.
- Provincial Freeman masthead. *TPL Virtual Exhibits*, accessed March 5, 2024, <http://omeka.tplcs.ca/virtual-exhibits/items/show/174>. Disponível em: <http://omeka.tplcs.ca/virtual-exhibits/items/show/174>. Acesso em 2 de maio, 2023.
- Shadd, M. A. (1852). *A Plea for Emigration, Or Notes of Canada West: In Its Moral, Social, and Political Aspect: with Suggestions Respecting Mexico, West Indies, and Vancouver's Island, for the Information of Colored Emigrants*. Impresso por George W. Pattinson.
- Shadd. M. A. (2023) *Um apelo à emigração*. (Organização e tradução de Alison Silveira Morais, Fabricio Leal Cogo, Hislla S.M. Ramalho). Cultura e Barbárie.
- Silva, F. A. (2011). Aula Magna: Arqueologia como tradução do passado no presente. *Amazônica – Revista de Antropologia*, 3(2), 260-267. <http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v3i2.768>
- Souza, A. L. S. (2009). *Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip hop*. [Tese de doutorado]. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

---

Toury, G. (1981). Translated literature: System, norm, performance: Toward a TT-oriented approach to literary translation. *Poetics Today. International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*, 2(4), 9-27.

---

<sup>1</sup> Título completo da obra de Mary Ann Shad.

<sup>2</sup> No original: “All rewritings, whatever their intention, reflect a certain ideology and a poetics and as such manipulate literature to function in a given society, in a given way. Rewriting is manipulation, undertaken in the service of power, and in its positive aspect can help in the evolution of a literature and a society. Rewriting can introduce new concepts, new genres, new devices and the history of translation is the history also of literature innovation, of the shaping power of one culture upon another. But rewriting can also repress innovation, distort and contain it.” (Bassnett, 1992, p. vii).

<sup>3</sup> No original: “Gundolf dissolved Büchner’s entire social criticism into such a mood [...] Everything that was otherwise social criticism in the drama glows down in *Woyzeck* to the prehuman realm”. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lukacs/works/buchner/lukacs.htm>. Acesso em: 28 jan. 2024.

<sup>4</sup> No original: “Translation needs to be studied in connection with power and patronage, ideology and poetics, with emphasis on the various attempts to shore up or undermine an existing ideology or an existing poetics. It also needs to be studied in connection with text-type and register, and in connection with attempts to integrate different Universes of Discourse. Translation Studies has begun to focus on attempts to make texts accessible and to manipulate them in the service of a certain poetics and/or ideology. Seen in this way translation can be studied as one of the strategies cultures develop to deal with what lies outside their boundaries and to maintain their own character while doing so the kind of strategy that ultimately belongs in the realm of change and survival, not in dictionaries and grammars.” (Lefevere, 1992, p. 10).

<sup>5</sup> No original: “translations can actually play an important role in shaping the center of the (literary) polysystem by introducing “not only new models of reality to replace the old and established ones that are no longer effective, but a whole range of other features as well, such as a new (poetic) language, or compositional patterns and techniques.” (Even-Zohar, 1990, p. 47).

<sup>6</sup> No original: “The zone of transition is between source and target language and between source and target culture.” (Pellat, 2013, p. 3).